

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

JESSYKA NICODEMOS ROCHA CAVALCANTE

A MEMÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS NOS LIVROS:
A Coleção de Obras Raras do Instituto Ricardo Brennand

Brasília
2016

JESSYKA NICODEMOS ROCHA CAVALCANTE

A MEMÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS NOS LIVROS:

A Coleção de Obras Raras do Instituto Ricardo Brennand

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Ciência
da Informação (FCI) da Universidade
de Brasília (UnB) para obtenção
parcial do título de Bacharel em
Biblioteconomia.

Brasília, 06 de julho de 2016.

Orientador: Prof. MSc. Carlos Henrique Juvêncio

Brasília

2016

C376 Cavalcante, Jessyka Nicodemos Rocha

A memória do Brasil Holandês nos livros : a Coleção de Obras Raras do Instituto Ricardo Brennand / Jessyka Nicodemos Rocha Cavalcante. - 2016.

Orientador: Prof. M.s.c. Carlos Henrique Juvêncio

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, 2016.



Título: A memória do Brasil Holandês nos livros: a coleção de obras raras do Instituto Ricardo Brennand.

Aluna: Jessyka Nicodemos Rocha Cavalcante.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 06 de julho de 2016.

Carlos Henrique Juvêncio da Silva - Orientador
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Mestre em Ciência da Informação

Dulce Maria Baptista – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Raphael Diego Greenhalgh – Membro
Bibliotecário da Biblioteca Central (UnB)
Doutor em Ciência da Informação

Dedico àqueles que me incentivaram e motivaram a ler e estudar, à minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por me permitir crescer com saúde, sempre rodeada por suas bênçãos e por ser fonte de apoio e proteção nos momentos de dificuldades.

Aos meu pais, Ebenézer e Adriana, por todo amor que me proporcionaram, pelos carinhos e puxões de orelha, por nunca deixarem faltar nada pra mim, por me incentivarem a ter gosto por leitura, por sempre valorizar os estudos e me proporcionar boa educação. Agradeço também por me apoiarem quando passei no vestibular da UnB permitindo que eu estudasse longe deles, apesar da saudade.

Agradeço aos meus avós Moysés e Ivone que me permitiram morar com eles durante minha formação acadêmica e por sempre apoiarem meus estudos, desde quando estava no ensino fundamental, sempre incentivando a estudar pra provas de vestibular e concursos.

À minha irmã que me pedia pra lhe ajudar a estudar para as provas, fazendo assim, com que eu também relembra-se e revisa-se matérias já estudadas.

Às amigas que fiz durante a graduação, pelos momentos de descontração, pelas tiradas de dúvidas daquela matéria mais difícil e pelo comprometimento ao fazer trabalhos em grupo.

Ao meu orientador, Carlos Henrique Juvêncio, que se interessou no meu tema, me apoiou, tirou dúvidas e fez as correções devidas do trabalho, por me responder até mesmo em finais de semana e pela dedicação de continuar me orientando mesmo não tendo que fazer isso.

Aos meus chefes de estágio que sempre me ajudaram, tiraram dúvidas e me permitiram aprender na prática o que aprendemos em teoria na universidade.

RESUMO

O presente trabalho apresenta a coleção de obras raras da biblioteca do Instituto Ricardo Brennand que possui enfoque no período da invasão holandesa no Brasil. Acentua a definição de obra rara através dos textos de Ana Virgínia Pinheiro e, expõe o colecionismo pela visão do colecionador Ricardo Coimbra de Almeida Brennand a partir dos escritos de Leonardo Dantas Silva. Demonstra aspectos históricos ocorridos no período da invasão holandesa no estado de Pernambuco e suas influências na sociedade pernambucana, fundamentando-se nos textos de Alfredo O. G. Gallas e Michael Pollak, com o intuito de relatar o contexto em que Pernambuco se encontrava no período holandês do Brasil. A metodologia foi apresentada através de revisão de literatura e estudo de caso da respectiva coleção por meio de visita guiada e orientação via e-mail com os bibliotecários do Instituto.

Palavras-chave: Obras raras. Colecionismo. Brasil holandês. Ricardo Brennand.

ABSTRACT

This paper presents a collection of rare books from the library of the Institute Ricardo Brennand that has focused on the period of the Dutch in Brazil . Emphasizes the definition of rare book through the Ana Virginia Pinheiro texts and exposes the collecting by the collector's vision Ricardo Coimbra de Almeida Brennand from the writings of Leonardo Dantas Silva. Shows historical aspects occurred during the period of the Dutch invasion in Pernambuco state and its influences in Pernambuco society, basing himself in the texts of Alfredo OG Gallas and Michael Pollak, in order to report the context in which Pernambuco was in the Dutch period in Brazil. The methodology was presented through literature review and case study of its collection through guided tour and orientation via email with librarians of the Institute.

Keywords: Rare books. Collecting. Dutch Brazil. Ricardo Brennand.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** - Foto do colecionador Ricardo Coimbra de Almeida Brennand.
- Figura 2** - Complexo de castelos do Instituto Ricardo Brennand.
- Figura 3** - Ponte levadiça na entrada do castelo armaria do Instituto RB.
- Figura 4** - Entrada do castelo armaria do Instituto RB.
- Figura 5** - Fachada do castelo armaria do Instituto RB.
- Figura 6** - Armas brancas no interior do castelo armaria do Instituto RB.
- Figura 7** - Armaduras medievais no interior do castelo armaria do Instituto RB.
- Figura 8** - Espadas do rei Faruk I, do Egito.
- Figura 9** - Pinacoteca do Instituto RB.
- Figura 10** - Ataque holandês à Bahia em 1621.
- Figura 11** - Jornada dos Vassalos.
- Figura 12** - Capitânicas hereditárias.
- Figura 13** - Florins do Brasil.
- Figura 14** - Pintura de Frans Post.
- Figura 15** - Av. Maurício de Nassau no bairro de Iputinga em Recife - PE.
- Figura 16** - Folha de rosto do livro “Restauracion de la ciudad del Salvador, i Baia de Todos-Sanctos, en la Provincia del Brasil”.
- Figura 17** - Folha de rosto do livro “Portugallia sive de regis portugallia regnis et opibus”.
- Figura 18** - Folha de rosto do livro “Legatio pernambucensis”.
- Figura 19** - Folha de rosto do livro “Rerum Per Octenium in Brasilia Et alibi nuper gestarum”.
- Figura 20** - Folha de rosto do livro “Historiae Naturalis Brasiliae”.
- Figura 21** - Folha de rosto do livro “Castrioto lusitano”.

LISTA DE SIGLAS

Instituto RB	Instituto Ricardo Brennand
GWC	Companhia Holandesa das Índias Ocidentais
Coleção JGM	Coleção José Antônio Gonsalves de Mello
BN	Biblioteca Nacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 RICARDO BRENNAND: UM COLECIONADOR	16
3 UM BREVE APANHADO HISTÓRICO: O NORDESTE E O BRASIL HOLANDÊS	23
3.1 MUDANÇAS HOLANDESAS EM PERNAMBUCO	29
4 OBRAS VELHAS OU RARAS?: DEFININDO CONCEITOS	35
4.1 O QUE SÃO OBRAS RARAS PARA O INSTITUTO RICARDO BRENNAND	36
5 UM BRAZILIË A SER PRESERVADO	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXO I - Referência da Coleção de Obras Raras em exposição na pinacoteca do Instituto RB.	53

1 INTRODUÇÃO

Um único objeto pode possuir diversos significados. Para alguém que ganhou uma caneta de seu avô que foi utilizada em seu casamento, ela vale ouro, porém, para qualquer outra pessoa, seria apenas uma simples caneta, sua importância, às vezes, não provém de valor material, ela pode vir de seu valor sentimental.

Colecionar é algo instintivo para alguns, quantas crianças já não colecionaram tampas de garrafa, modelos de bonecas e álbuns de figurinhas? Nos anos 1990 se via diferentes tipos de coleções entre os jovens, cartões telefônicos que já não possuíam crédito, brindes oferecidos por grandes marcas, por exemplo os geloucos da Coca-Cola, canetas coloridas, entre tantos outros objetos.

Na minha infância, sempre ao me visitar, minha avó costumava me presentear com uma bonequinha da estrela chamada fofote, que era vendida em pequenas caixas, um pouco maiores que as de fósforo, durante muito tempo eu e minha irmã fizemos uma coleção das bonecas, até mesmo sem saber que aquilo era um tipo de colecionismo.

A paixão por colecionar pode começar por objetos que adquiriram significados diferentes ao longo da vida, o colecionismo é visto por alguns como apenas acúmulo de objetos desnecessários, porém, diferente do que essas pessoas acham, o ato de colecionar é na maioria das vezes a preservação da memória. Tendo em vista esse lado preservacionista, nada mais histórico do que a obra rara, que, além de trazer sua história, carrega consigo valor, seja ele cultural ou histórico. Fazendo a junção do ato de colecionar com os livros raros, obtém-se um acervo rico em preservação histórica e cultural.

Para Moraes (2005, p.20), “Colecionar é uma arte. Como toda arte, é preciso que esteja combinada com o conhecimento, com o *métier*, para se tornar uma verdadeira criação”. No entanto, tendo o colecionismo como uma arte, o colecionador seria um artista.

O artista ou colecionador que será apresentado nesse trabalho acadêmico é o pernambucano Ricardo Coimbra de Almeida Brennand, e de acordo com Vainsencher (2008), ele nasceu no ano de 1927 em Cabo de Santo Agostinho, uma cidade que pertence à região metropolitana do Recife. Ricardo Brennand se formou na Universidade Federal de Pernambuco nos cursos de

engenharia civil e engenharia mecânica, seu desejo de colecionar surgiu quando ainda era uma criança, ao ganhar um canivete de seu tio de mesmo nome, aos 12 anos começou a colecionar armas medievais. Engenheiro e empresário, Brennand cuidou dos negócios da família (fabricação de vidro, aço, cerâmica, cimento, porcelana e açúcar) durante vários anos. Além disso, com intuito de criar uma fundação cultural e preservar o seu acervo pessoal de coleções, ele inaugurou o Instituto Ricardo Brennand (Instituto RB) em setembro 2002.

De acordo com o artigo *Instituto Ricardo Brennand: dos sonhos de um homem, foi construída esta cidade de Leonardo Dantas Silva* (2013) que é jornalista, escritor pernambucano e uma das pessoas que analisam as obras raras presentes na biblioteca do Instituto RB, é possível encontrar o colecionismo em cada objeto exposto, ele possui a maior coleção do mundo de obras do pintor holandês Frans Post¹, que veio ao Brasil a serviço de Maurício de Nassau em meados do século XVII, o qual fundou a colônia de Nova Holanda em Pernambuco. O artista se dedicou a fazer uma grande coleção de pinturas com cenários brasileiros, sendo que o empresário Ricardo Brennand expõe as vinte pinturas que possui de Frans Post permanentemente no Instituto.

O Instituto RB além de expor pinturas de Frans Post, disponibiliza também uma grande coleção de armas medievais, mapas, tapeçarias, moedas, documentos, livros raros e retratos seiscentistas, ou mais comumente conhecido como estilo barroco, que é caracterizado pela exploração dramática dos contrastes de luz e sombra, pintura de naturezas mortas e interiores domésticos, valorizando o movimento de acordo com o arquiteto Baeta (2010) em seu texto *O barroco: a arquitetura e as cidades nos séculos XVII e XVIII*.

Silva (DATA) ainda disponibiliza em seu artigo, dados como a localização do Instituto que se encontra no bairro da Várzea, no Recife, e está sediado em um complexo arquitetônico em estilo Tudor, um tipo de arquitetura medieval. A área construída possui 77.000 metros quadrados e sendo uma construção contemporânea, é dividida entre o Museu Armaria, a Biblioteca e a Pinacoteca. Ao redor do castelo medieval que forma o complexo, encontra-se o

¹ Frans Post (1612-1680) foi um pintor holandês que chegou ao Brasil com Maurício de Nassau quando esse foi designado para governar as terras conquistadas pela Holanda, no Nordeste do Brasil. Frans Post tornou-se o primeiro paisagista do Brasil do século XVII. (IMBROISI, Margaret. 2016).

parque que possui 18.000 hectares, cercado de lagos artificiais e réplicas de esculturas famosas.

A Biblioteca do Instituto possui dimensões de 274 metros quadrados e um acervo de mais de 60.000 itens, dentre eles livros, periódicos, opúsculos², partituras, discos de vinil, fotos, álbuns iconográficos e obras raras.

De acordo com o site da biblioteca, as obras raras presentes no Instituto são datadas entre meados dos séculos XVI e XX, a coleção disponibiliza livros que abordam temas históricos brasileiros escritos por viajantes dos séculos XVII ao XIX, e livros escritos nos períodos colonial e imperial, obras de grande interesse para a pesquisa histórica, artística, cultural, política, de costumes e história natural.

A biblioteca do Instituto RB é basicamente formada por livros raros, coleções especiais e especializada na área da arte e da história, a biblioteca concentra seu foco no período da conquista holandesa em Pernambuco. Pessoas de várias partes do Brasil e do mundo viajam em busca de livros presentes na biblioteca.

De acordo com Pinheiro (1989), os conceitos de raridade são, usualmente, baseados no consenso geral do "velho-antigo-precioso-raro". Assim, para que ao livro seja atribuído a qualidade de raro, deve-se considerar não apenas o tipo de sua beleza, mas também, antiguidade, unicidade ou valor comercial, inclusive o seu considerável potencial de informação.

Para o bibliófilo Moraes (2005, p.65):

Um livro não é valioso porque é antigo e, provavelmente, raro. Existem milhões de livros antigos que nada valem porque não interessam a ninguém. Toda biblioteca pública está cheia de livros antigos, que, se fossem postos à venda, não valeriam mais que o seu peso como papel velho. O valor de um livro nada tem que ver com a sua idade. A procura é que torna um livro valioso.

A coleção de José Antônio Gonsalves de Mello foi comprada por Ricardo Brennand, e se encontra na biblioteca do Instituto, é composta

² Impresso ou livro pequeno, de poucas páginas, folheto de conteúdo artístico, literário, científico etc. (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2016).

basicamente de livros, a maioria do seu conteúdo se refere à ocupação holandesa no nordeste brasileiro ou que data dessa época, alguns livros foram tirados da coleção especial e inseridos na coleção de obras raras da biblioteca do Instituto RB.

O objetivo geral desse trabalho é apresentar a coleção de obras raras do Brasil holandês presente no Instituto Ricardo Brennand, tais livros que abordam sobre o assunto da ocupação holandesa e que trouxeram consigo a cultura e desenvolvimento econômico para o nordeste.

Os objetivos específicos são: entender o que é colecionismo por meio do colecionador Ricardo Brennand através dos textos de Leonardo Dantas Silva (2013), entender em qual situação histórica Pernambuco se inseria no período holandês no Brasil por meio de Gallas (2009), entender a identidade Pernambucana tendo em como base Pollak (1992), compreender o que é obra rara através de Pinheiro (1989), entender a função do Instituto Ricardo Brennand com relação às obras raras de acordo com os bibliotecários do Instituto RB.

O presente trabalho acadêmico possui no total seis capítulos. O primeiro é a introdução, no qual há sendo um breve resumo do que se espera encontrar no decorrer dos outros.

O segundo capítulo trará a história do colecionador Ricardo Brennand, o motivo de ter criado o Instituto e seu histórico, as esculturas que estão expostas e como ele é visto e influenciado pela comunidade pernambucana, baseado nos textos do seu colega e conselheiro Leonardo Dantas Silva, o qual o ajuda a encontrar e selecionar obras raras para a biblioteca do Instituto.

A partir de textos do historiador Gallas (2009), no capítulo três será retratado o ambiente histórico no qual o Nordeste e Pernambuco se encontravam entre os anos de 1624 e 1654 no qual estavam sofrendo uma grande mudança de governo, já que estavam deixando de ser administrados por portugueses, devido a invasão da Holanda. Os benefícios que eles trouxeram para o estado também será mostrado, juntamente com as influências culturais que ainda permanecem nas famílias pernambucanas e o que se esperaria de um Pernambuco atualmente governado por holandeses. Há uma tabela (página 21) para que de forma resumida os leitores entendam a sequência de cada evento ocorrido da época.

No quarto capítulo será questionado e respondido o que é um livro raro, como diferenciá-lo dos outros livros, será mostrado que nem todo livro antigo é

raro, que seu conceito de raridade não é sempre por causa da sua idade, baseando-se nas teorias de Moraes (2005).

O capítulo cinco abordará alguns dos livros raros da coleção de José Antônio Gonçalves de Mello que foi comprada por Ricardo Brennand, e se encontra na biblioteca do Instituto. Sua coleção é composta basicamente de livros cujo conteúdo se refere à ocupação holandesa no nordeste brasileiro ou que data dessa época, sendo que alguns livros foram tirados da coleção especial e inseridos na coleção de obras raras da biblioteca do Instituto RB. Cada obra terá sua descrição de acordo com ano, local de publicação, sua importância histórica, por que é considerada rara e os seus respectivos assuntos e conteúdo.

2 RICARDO BRENNAND: UM COLECIONADOR

Existe uma distinção entre a bibliofilia e o colecionismo, de acordo com Eco (2010, p. 50):

Os colecionadores querem ter tudo o que se pode recolher sobre um certo tema, e o que lhes interessa não é a natureza das peças isoladas, mas a completude da coleção. Tendem a acelerar os tempos. O bibliófilo, ainda que trabalhe sobre um tema, espera que a coleção não se complete nunca, que sempre exista ainda alguma coisa a procurar.

Assim como Eco, Baudrillard (1989) defende que a coleção nunca será de fato completada, tendo em vista que ela se diferencia de uma simples acumulação, por causa da exigência de mais outros objetos, os quais ainda não foram obtidos.

Como descrito anteriormente na introdução do presente trabalho, o pernambucano Ricardo Coimbra de Almeida Brennand é portanto um colecionador, e de acordo com o texto de Vainsencher (2008), o colecionador nasceu no ano de 1927 em Cabo de Santo Agostinho, interior do estado de Pernambuco. Ricardo Brennand, se formou na Universidade Federal de Pernambuco em dois cursos de engenharia, cuidou dos negócios da família (fabricação de vidro, aço, cerâmica, cimento, porcelana e açúcar) durante vários anos.

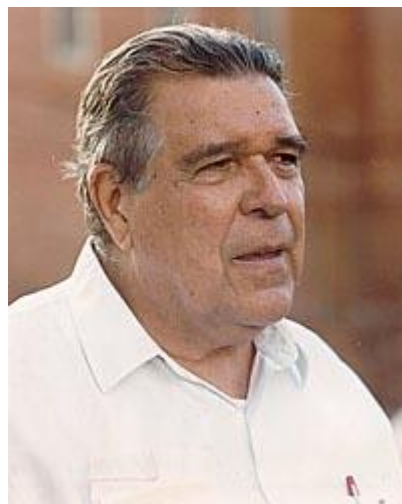


Figura 1: Foto do colecionador Ricardo Coimbra de Almeida Brennand

Fonte: Instituto RB (c2010a)

Seu desejo de colecionar surgiu quando ainda era uma criança, ao ganhar um canivete de seu tio. Aos 12 anos começou a colecionar armas medievais. Ao crescer e se tornar bem sucedido viu a possibilidade de criar uma fundação cultural e a oportunidade de preservar e disponibilizar seu acervo pessoal de coleções para a sociedade pernambucana. Ele inaugurou o Instituto Ricardo Brennand em setembro 2002.

Para especificar quem é Ricardo Brennand é preciso ter como base os textos de Leonardo Dantas Silva, consultor do próprio Brennand, além de ser um escritor pernambucano, Silva também é jornalista e fez uma entrevista com o colecionador que se encontra disponível em arquivos de textos da biblioteca³ do Instituto RB, que explica como começou sua coleção e o motivo de ter criado o complexo cultural para a cidade do Recife. O empresário comenta que viajava bastante a negócios, e sendo assim, em cada uma dessas viagens trazia consigo alguma peça de arte e história. Sua coleção aumentou em 3 mil peças rapidamente, portanto ele tinha que achar algum local para o armazenamento delas, surgindo então a ideia de criar o complexo de castelos para a exposição de sua coleção.



Figura 2: Complexo de castelos do Instituto Ricardo Brennand.

Fonte: Instituto RB (c2010b)

³ <http://www.institutoricardobrennand.org.br/biblioteca.htm>

De acordo com MORAES (2005, 21 p.) “Não se deve colecionar com o intuito de ganhar dinheiro. Comprar livros com a intenção de vendê-los mais tarde com lucro não é próprio de bibliófilo, mas de livreiro”.

Brennand visa a necessidade do povo pernambucano conhecer e valorizar a arte e a cultura. Na entrevista, Silva (20-?) pergunta a respeito do custo de manter um Instituto tão grande e o empresário responde: “ Números não importam. O que mais interessa é que Pernambuco ganhou um espaço que deixa o estado na rota de grandes exposições internacionais. O povo precisa de cultura”.

Ainda na entrevista, o colecionador comenta que o nome do Instituto não é por sua causa, e sim uma homenagem feita ao seu tio, o qual deu-lhe quando criança o primeiro canivete, o objeto que o influenciou a fazer a coleção de armas brancas.

Por sempre comprar artefatos quando viaja, Brennand se torna um colecionador artista, termo utilizado por Oliveira (2005) em seu artigo *As coleções como duração: o colecionador coleciona o quê?*, por resgatar e trazer registros do tempo, o colecionador é visto como nômade.

É necessário saber a quem mostrar a coleção, e geralmente, segundo Eco (2010), o colecionador não sabe para quem se deve mostrar suas coleções, pois os que não são colecionadores e não se interessam pelo assunto, não entendem por que se gabar de livros “velhos”.

Eco (2010) define o colecionador ou bibliófilo como alguém que ama os livros, independente do seu conteúdo, pois eles amam o objeto, tanto é que, quando possuem um livro intonso⁴, o bibliófilo não separa as páginas para conservar o livro originalmente. “Para eles, separar as páginas do livro raro seria como, para o colecionador de relógios, quebrar o tambor a fim de ver o mecanismo”. (ECO, 2010, 35 p.).

Em seu instituto, Brennand construiu um castelo para armazenar suas armas de coleção com o tema medieval. O Castelo de Armas São João, possui cerca de 3.000 peças. Em uma entrevista para a revista *Portfólio da Ampla* feita por Rique (2002), Brennand esclarece que seu sonho de colecionar armaduras,

⁴ Livro que possui páginas juntas. Não aparado (diz-se de livro); não aberto (diz-se de caderno). (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2016).

armarias, facas, canivetes e espadas era remetido ao período medieval e que essa época histórica possuía o castelo como uma característica singular. Foi então que pediu ao arquiteto Augusto Reinaldo um projeto baseado no que ele encontrou no exterior em seus próprios livros.

Calsavara (2006) afirma que é considerada uma das maiores coleções de armas brancas do mundo. Além de ter o tema medieval, o castelo abriga também objetos datados de épocas mais atuais, Brennan afirma que seu interesse não é pela “localidade no tempo”, e sim pela qualidade do trabalho feito nos objetos, principalmente nas armaduras.

Abaixo seguem algumas imagens de como o castelo é por fora, mostrando sua arquitetura Tudor⁵, último estilo arquitetônico desenvolvido na época medieval. O castelo possui inclusive uma ponte levadiça.



Figura 3: Ponte levadiça na entrada do castelo armaria do Instituto RB

Fonte: Instituto RB (c2010c)

⁵ Um dos últimos estilos desenvolvidos na arquitetura medieval no período Tudor (1485–1603) utilizado e até mesmo posteriormente, por patronos conservadores. Suas características são decoração enxaimel, telhado acentuado, empenas em cruz, portas e janelas altas e estreitas, pequenas janelas de vidro, grandes chaminés, muitas vezes cobertas com vasos decorativos. (PINHAL, 2009).



Figura 4: Entrada do castelo armaria do Instituto RB
Fonte: Instituto RB (c2010d)



Figura 5: Fachada do castelo armaria do Instituto RB.
Fonte: Instituto RB (c2010e)

Por dentro, o castelo abriga numerosas espadas, armaduras, facas, pistolas, sendo possível conferir nas imagens abaixo.



Figura 6: Fachada do castelo armaria do Instituto RB

Fonte: Instituto RB (c2010f)



Figura 7: Armaduras medievais no interior do castelo armaria do Instituto RB.

Fonte: Instituto RB (c2010g)

Em uma entrevista para Calsavara (2006), Brennand afirma que suas peças medievais preferidas são as espadas do rei Faruk I, do Egito que possuem partes

de ouro e pedras preciosas, e uma pistola fabricada na Alemanha em 1590, que segundo ele, só existem mais outras oito de mesmo gênero no mundo.



Figura 8: Espadas do rei Faruk I, do Egito

Fonte: *G1PE* (2014).

Além da coleção de armas, Brennand tem uma paixão pela história do período holandês no Brasil. Na pinacoteca do Instituto RB é possível encontrar a maior coleção privada do mundo de quadros do pintor Frans Post, pintor trazido por Maurício de Nassau (governador da capital pernambucana na época da ocupação holandesa) para registrar imagens do Brasil.



Figura 9: Pinacoteca do Instituto RB

Fonte: Instituto RB (c2010h)

3 UM BREVE APANHADO HISTÓRICO: O NORDESTE E O BRASIL HOLANDÊS

No texto *Imagens do Brasil holandês 1630-1654* do historiador Mello (2009) é abordada a ocupação holandesa no nordeste do Brasil, que durou 24 anos, com batalhas, conquistas e derrotas. Baseado nas informações retiradas das anotações de Mello, o quadro-resumo tem como finalidade facilitar a compreensão cronológica do que ocorreu no período histórico:

Ano	Acontecimentos militares
1624	Holandeses tomam Salvador, capital do Brasil.
1625	Portugueses reconquistam Salvador.
1630	Holandeses conquistam Olinda e Recife.
1631	A armada luso-espanhola de D. Antônio de Oquendo não consegue a reconquista de Pernambuco.
1632	Ataque holandês contra Igarapé.
1633	Conquista da ilha de Itamaracá.
1634	Tomada da cidade da Paraíba.
1635	Queda do Arraial do Bom Jesus e do Cabo de Santo Agostinho, duas importantes posições luso-brasileiras.
1636	Batalha de Mata Redonda (Alagoas), ganha pelos holandeses.
1637	Chegada de João Maurício de Nassau-Siegen, governador do Brasil holandês. Conquista de Porto Calvo (Alagoas) e retirada definitiva das tropas luso-brasileiras para a Bahia.
1638	Nassau sitia a Bahia, mas não consegue conquistá-la.
1639 -1640	Uma armada luso-espanhola sob o Conde da Torre fracassa na sua tentativa de recuperar Pernambuco.
1640 -1641	Restauração da independência portuguesa e tratado de trégua entre Portugal e os Países Baixos. Conquista de Luanda (Angola),

	de Sergipe e do Maranhão por iniciativa de Nassau.
1644	Nassau deixa o governo do Brasil holandês.
1645	Levante de João Fernandes Vieira contra os holandeses, vitórias luso-brasileiras das Tabocas e da Casa Forte.
1646	Bloqueio holandês do litoral do Nordeste.
1647	Ocupação holandesa da ilha de Itaparica e bloqueio de Salvador.
1648	Primeira batalha dos Guararapes, reconquista de Luanda por Salvador Correia de Sá. Chega ao Recife a armada de Witte de With; saque do Recôncavo baiano.
1649	Segunda batalha de Guararapes. Partida de De With. Longo impasse militar
1654	Uma armada da Companhia de Comércio do Brasil bloqueia o Recife, ensejando a capitulação das guarnições neerlandesas no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Itamaracá e Fernando de Noronha.

Fonte: elaboração da autora.

A Holanda extraía e refinava basicamente todo o açúcar fornecido para França, Inglaterra, Alemanha e Países Bálticos no final do século XVI, sendo grande parte exportada do Brasil. Ainda tendo como base os textos do historiador Alfredo O. G. Gallas, a província da Holanda Setentrional antes da ocupação no Brasil, possuía por volta de quatro refinarias de açúcar. Após reconhecer sua rica produção no nordeste brasileiro, a província aumentou consideravelmente sua produção, chegando a marca de trinta refinarias ao todo.

A partir do aumento de produção nessas refinarias, os holandeses com ajuda das tripulações de barcos portugueses, compraram mapas de navegação por serem confiáveis e mais corretos, fazendo assim com que os cartógrafos e geógrafos holandeses produzissem mapas e gravuras de muita beleza, conhecidos e procurados até os dias de hoje.

Com a compra desses mapas, a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, também conhecida como GWC, sigla holandesa para Geoctroyeerde Westindische Compagnie (uma companhia de mercadores holandeses e uma organização privada com finalidade de um comércio externo), viu em Salvador

que a capital foi tomada, se espalharam, e o primeiro país que soube foi Portugal, e em seguida, a Espanha.

Ao tomar Salvador, os holandeses de imediato melhoraram sua defesa, para prevenção de possíveis ataques de seus moradores que se refugiavam em arraiais ou de frotas que quisessem retomar o governo na capital brasileira.

Em breve, Portugal contra-atacou, mandando vinte e duas caravelas com cerca de quatro mil homens a bordo para a retomada do governo brasileiro. Quem estava no comando era o general Manuel de Menezes. Encontraram no meio do caminho a esquadra filipina de trinta embarcações, e juntos foram ao contra-ataque aos holandeses na Bahia, sendo que essa missão ficou conhecida como Jornada do Brasil, ou Jornada dos Vassalos. A gravura abaixo retrata a disposição das embarcações dos portugueses e espanhóis na Baía de Todos os Santos, com os canhões direcionados para Salvador.



Figura 11: Jornada dos Vassalos

Fonte: Guia geográfico – mapas históricos da Bahia (1631).

Na Jornada do Vassalos, Portugal venceu a batalha, e os holandeses se viram obrigados à deixarem o país, o acordo entre eles foi de que os holandeses poderiam sair sem seus navios serem atacados e com suprimentos suficientes até

chegar a Holanda, porém toda a mercadoria açucareira deveria permanecer em Salvador. Além de riquezas que possuíam, poderiam levar consigo apenas suas vestes e mantimentos para sobrevivência e não poderiam atacar nenhuma embarcação portuguesa ou espanhola durante a viagem, então em 1625 a frota holandesa voltou à Europa.

Durante o período de 1625 a 1630, Pieter Heyn, um Almirante naval holandês, foi em busca da captura da Frota Espanhola da Prata, e com êxito voltou para Holanda, onde foi saudado como herói. O dinheiro pode financiar a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais no período de oito meses.

Tendo em vista tanto poder, os holandeses voltaram a pensar em invadir o Brasil, em busca do monopólio açucareiro, porém a capital brasileira, depois de ter sofrido um ataque cinco anos antes, se via numa grande proteção. Sendo assim, os holandeses pensaram em mudar seu alvo para uma capitania com prosperidade. Pernambuco era a maior produtora de açúcar e possuía cerca de cem engenhos, então por volta do ano de 1630 os holandeses decidiram voltar ao Brasil.

A invasão a Pernambuco foi bastante articulada, já que a GWC armou uma esquadra de 67 naus, diferente da armada a Salvador, com apenas 26 embarcações. Para invadir a capitania, estavam no comando o almirante Hendrick Corneliszoon Loncq e o coronel Jonckheer Diederick van Waerdenburgh que solicitaram 7000 mil soldados e tripulantes para a conquista.

No dia 14 de fevereiro de 1630, a frota do almirante Loncq chegou a Olinda, a qual foi tomada pelos homens do coronel Waerdenburgh. Loncq foi em direção a Recife no dia 16, o então governador-geral do Brasil era Matias de Albuquerque, que substituiu Diogo de Mendonça Furtado por fracassar na sua defesa a Salvador. Matias de Albuquerque, sabendo da invasão, mandou que incendiassem os navios atracados no porto de Recife e o estoque de açúcar. Suas tropas armaram um forte, limitando a frota holandesa apenas à faixa litorânea, atrasando assim a invasão. Esse forte ficou conhecido como Arraial do Bom Jesus. Antônio de Oquendo, que era um almirante espanhol, dando suporte aos portugueses, foi mandado para o Brasil com reforços em 1631 para evitar a invasão holandesa. Ele foi o responsável por incendiar e afundar o navio do almirante Adrian Jansen Pater (que veio para reforçar a frota holandesa), porém a resistência do Arraial do Bom Jesus foi até o ano de 1635, quando o forte foi destruído.

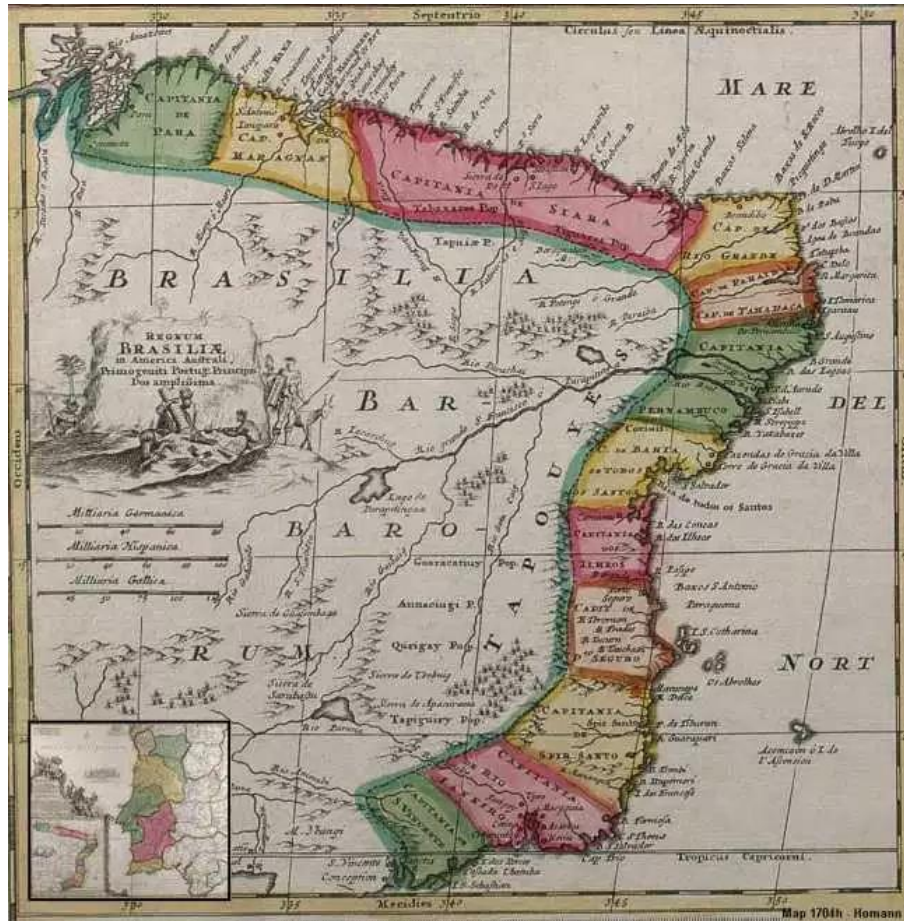


Figura 12: Capitâncias hereditárias

Fonte: QUEIROZ (2013).

Até o ano de 1637 aconteceram várias tomadas, invasões e conquistas de territórios luso-espanhóis pelos holandeses; ocorreram em Igarassu, na Ilha de Itamaracá, na cidade da Paraíba, em Cabo de Santo Agostinho e em Alagoas. Então, em 1637, o conde Johann Moritz von Nassau-Siegen, conhecido também por João Maurício de Nassau, foi contratado pela GWC para ser o governador-geral do Brasil Holandês, chamado na época por Nieuw Holland (Nova Holanda).

A partir dos estudos de Arthur Weststeijn, Maurício de Nassau governou no período do Brasil Holandês por um período breve, porém, seu governo nesse período, fez da capital de Pernambuco uma cidade diferenciada das demais, por causa do desenvolvimento e inovações trazidas por Nassau. Essa administração durou sete anos. Durante esse tempo, Maurício de Nassau tenta tomar Salvador, porém fracassa.

Entre os anos de 1639 e 1640 uma armada luso-espanhola sob o comando do Conde da Torre, fracassa na sua tentativa de recuperar Pernambuco. Entre

1640 e 1641, o Brasil holandês teve uma “idade de ouro”, o qual teve um tempo de paz com o tratado de trégua entre Portugal e os Países Baixos (MELLO, 1987).

Nassau em seu governo obteve dois grandes êxitos sem questões militares, a defesa do Brasil holandês contra o ataque da armada luso-espanhola em 1640 e a conquista de Angola, São Tomé e do Maranhão em 1641.

De acordo com Mello (1987), em 1642 houve a crise do açúcar em Amsterdam, ocorrendo então uma crise comercial em Recife, fazendo com que o governo holandês no Brasil se visse obrigado a cobrar impostos para suprir a manutenção do exército.

Maurício de Nassau foi mandado de volta para Holanda em 1644, pois não havia mais necessidade de seus serviços no governo da Nova Holanda.

3.1 MUDANÇAS HOLANDESAS EM PERNAMBUCO

No centro-sul do Brasil nos dias atuais, pouco se conhece sobre a ocupação holandesa em Pernambuco, uma parte histórica esquecida por muitos, porém, muito importante para o desenvolvimento nordestino, em questões culturais, financeiras e arquitetônicas.

O historiador Gallas (2009) afirma em seu livro *O Brasil holandês: a família Nassau - moedas e medalhas* que ao chegar em Pernambuco, no ano de 1637, Maurício de Nassau foi mandado pela GWC e tinha como principal objetivo governar as terras ocupadas pelos holandeses. Entretanto, além de governar, Maurício de Nassau trouxe para o estado transformações e melhorias urbanísticas, diferente do governo português que visava sobretudo a exploração econômica.

Antes da chegada da GWC, as cidades de Olinda e Recife possuíam a arquitetura portuguesa. Quando houve a invasão holandesa, eles derrubaram as construções urbanísticas com tema lusitano, e causando uma desarrumação urbana, sendo assim, quando Maurício de Nassau chegou em Recife já não se via muita arquitetura portuguesa (SANTOS, 2008).

Nassau trouxe a modernidade ao Recife, que na época ficou conhecida como Cidade Maurícia ou Mauriciópolis. De acordo com Gallas (2009), um grande avanço ocorreu, como construções de pontes, diques, drenagem de pântanos,

canais, obras sanitárias, criação do jardim botânico, museu natural e o zoológico, houve também a melhoria da qualidade dos serviços públicos em Recife como a coleta de lixo e os bombeiros.

Pontual (2002) aborda em seu texto, que antes da chegada dos holandeses, Recife era apenas um porto que exportava a produção local. Com a invasão, a atual capital pernambucana obteve grande avanço, se tornando uma cidade com ar europeu.

Além das melhorias feitas na cidade, o governador incentivou a melhoria dos engenhos, visando o aumento da produção de açúcar, estabeleceu-se uma aliança política com os senhores de engenho e a redução dos tributos cobrados.

Os holandeses trouxeram consigo também a primeira moeda brasileira, comumente conhecida como florim do Brasil, e possuía o emblema da GWC. Abaixo é possível visualizar as moedas que estão em exposição no Castelo de armas no Instituto Ricardo Brennand.



Figura 13: Florins do Brasil.

Fonte: BEZERRA (2013).

Nassau possuía um plano urbanístico para a sede do governo holandês no Brasil, os engenheiros trazidos pelo então governador da Nova Holanda, construíram diques, canais, pontes, dois palácios para Nassau, o palácio da Boa Vista e o de Friburgo (ou Vrijburg), que era aonde se encontravam o jardim botânico e o zoológico.

Juntamente com Johann Moritz von Nassau, além dos engenheiros, vieram os pintores Eckhout e Frans Post, contratados para retratar as paisagens na época, veio também um botânico chamado Willem Piso, os cartógrafos Cornelis

Golijath e Jan Vingboons, o astrônomo Georg Markgraf e aquele que ficou encarregado de escrever a história do governo de Nassau, Kaspar van Baarle, mais conhecido como Gaspar Barlaeus (nome latinizado).

Abaixo se encontra uma das pinturas de Frans Post, em que é retratada a vista de Igarauçu, município da região metropolitana do Recife, denominada Igreja de São Cosme e São Damião em Igarauçu.



Figura 14: Pintura de Frans Post.

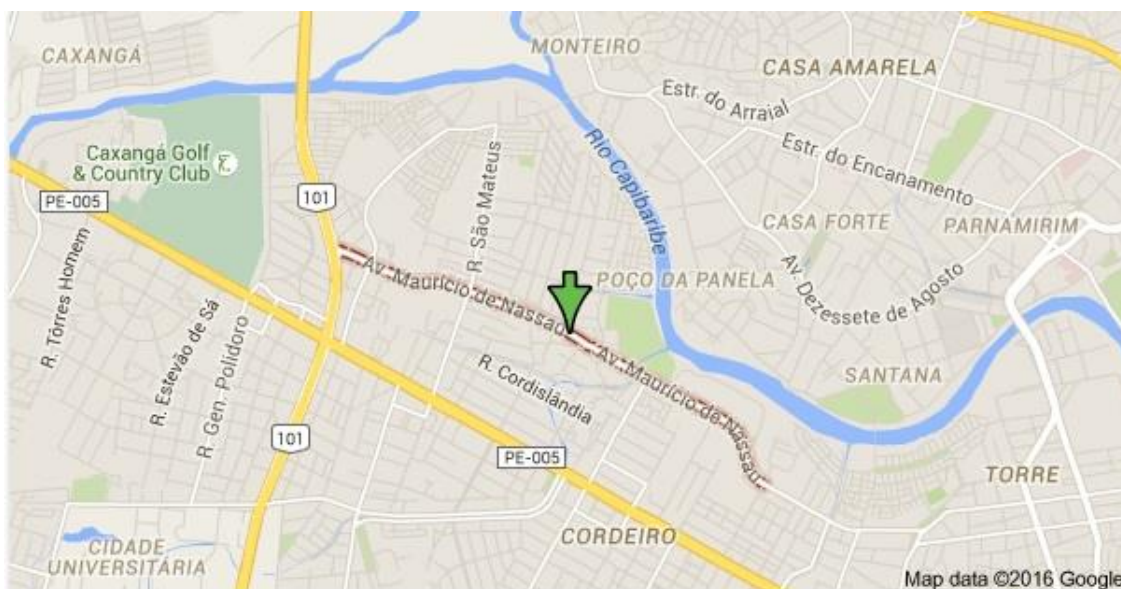
Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (2010).

Baseando-se na definição do dicionário *Michaellis* (2016), tipografia nada mais é do que o processo e a arte de criação de um texto sendo ele impresso ou digital. Vem do grego *typos*: "forma" e *graphein*: "escrita", a primeira tentativa de inserir a tipografia na cultura brasileira que foi no período da ocupação dos holandeses, de acordo com o texto *A história dos jornais no Brasil* de Molina (2015), Maurício de Nassau solicitou à GWC um prelo (prensa, máquina de impressão), tipos móveis (metais em formato de letras ou símbolos para prensa) e um impressor, porém, a GWC tardou em atender seu pedido. No entanto, Nassau já havia partido e os holandeses se encontravam em uma situação delicada, pois os portugueses estavam querendo retomar suas terras, fazendo com que a

tipografia fosse esquecida pelos holandeses e introduzida somente com a chegada da família real portuguesa 1808.

Outro acontecimento histórico que foi permitido apenas com a chegada da família real portuguesa foi a permissão da presença dos protestantes em terras brasileiras. A liberdade religiosa aos cidadãos católicos e judeus foi uma grande influência trazida pelos holandeses, o texto *Breve história do protestantismo no Brasil* de Matos (2011), retrata como a religião era na época, durante os vinte e quatro anos de governo holandês nas terras brasileiras, nesse período, foram construídas cerca de vinte e duas igrejas e congregações. Com base nas doutrinas da Igreja Reformada da Holanda, as igrejas ficaram conhecidas por suas ações beneficentes e ações missionárias com os índios, porém, em 1654, o ano em que Portugal reconquista e expulsa os holandeses do Brasil, torna-se proibida qualquer religião derivada do protestantismo.

Os 24 anos de dominação holandesa na capitania de Pernambuco foram suficientes para enraizar a cultura e mudanças na sociedade. A população pernambucana visa até os dias atuais as melhorias trazidas pelos holandeses como algo sempre melhor do que as feitas pelos portugueses. Qualquer casa antiga, ou igreja em ruínas, são para os pernambucanos obras dos holandeses, e afirmam com orgulho que Pernambuco quase foi colonizado pela Holanda (RUBEM, 2008). Diversas ruas, praças, prédios e até universidade possuem nomes que se referem ao período holandês.



Av. Maurício de Nassau - Iputinga, Recife - PE

Figura 15: Av. Maurício de Nassau no bairro de Iputinga em Recife - PE

Fonte: Print screen do Google Maps (c2016)

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade (POLLAK, 1992, 5 p.).

Tavares (2014) em uma matéria para o G1PE, explica que o imaginário da população pernambucana é de que o estado hoje seria mais desenvolvido do que os outros, tendo em vista que Recife passou de um simples porto para uma cidade desenvolvida no século XVII, a primeira ponte do Brasil foi construída nessa época, os jardins da cidade possuíam plantas importadas, as ruas foram calçadas com pedras, entre tantos outros desenvolvimentos urbanísticos. Com intuito de disseminar a cultura, Recife era palco de festas para os senhores de engenho, Nassau valorizava bastante essa disseminação cultural e de conhecimento, investiu e instalou na cidade Maurícia o primeiro observatório astronômico das Américas.

A cultura trazida pelos holandeses fez com que a identidade dos pernambucanos se modificasse de certa forma. Pollak (1992) afirma que a memória é um fator primordial para constituir a identidade, ao preservar e

perpetuar esse conhecimento. Os holandeses deixaram inovações e mudanças, e foram homenageados com nomes de edifícios e ruas. Os pernambucanos que não buscam as devidas informações acabam acreditando que somente os holandeses modificaram Pernambuco, deixando de lado a cultura trazida por portugueses.

4 OBRAS VELHAS OU RARAS?: DEFININDO CONCEITOS

Os livros antes de se tornarem aquele objeto que se conhece atualmente, passaram por diversos suportes. De acordo com Eco (2010), a memória foi o primeiro suporte de informação, e era a partir dessas memórias guardadas que a sociedade aprendia e adquiria o conhecimento dos seus antepassados de acordo com que os anciãos compartilhavam. Em seguida, a memória passou a ser armazenada em tábuas, pedras e argila. O termo utilizado por Eco para esse tipo de armazenagem é memória mineral. A informação foi armazenada durante muito tempo em papiros (memória vegetal), em rolos; após surgir a imprensa, a memória continuou sendo vegetal, se transformando e mudando de suporte, tornando-se o livro que conhecemos atualmente.

Eco (2010) afirma que o livro se personifica, e as pessoas ao procurarem livros antigos ou livros raros, vão em busca da história daquele item, de algo além das escritas nele, querem achar a pessoa que esteve por trás e quais eram seus pensamentos, em que ambiente se achavam e em qual época foi escrito.

Quando se pensa em obra rara, logo vem à mente alguma pintura ou escultura, mas os suportes podem ser diversos, sendo jornais, folhetos, manuscritos, entre outros materiais impressos, porém nesse trabalho especificamente, será tratado o livro raro, que ao pensar no objeto, as pessoas já possuem um preconceito sobre ele, de que todos os livros raros obrigatoriamente têm uma aparência antiga. Pinheiro (1989) afirma que é óbvio que não somente a antiguidade de uma obra a caracteriza como rara.

De acordo com Rodrigues (2006), o livro raro é diferenciado dos demais por vários fatores, sua raridade pode provir de ser difícil de encontrar, de quando foi produzido e publicado, quem foi seu dono ou também por sua especificidade em determinado assunto do conhecimento. Ou seja, esses livros merecem um tratamento diferenciado tendo em vista seu valor econômico, cultural, histórico e a dificuldade que há em tentar encontrá-lo.

A diferença entre um livro raro de um simples livro antigo é justamente o valor que uma obra rara carrega consigo, em seu conteúdo pode haver alguma pintura de um artista famoso, sua capa pode ter sido produzida por alguém muito importante ou possuir um *ex libris*.

Ainda assim, mesmo o livro sendo uma obra rara, há distinções e valores diferentes (mesmo aqueles que são duplicatas) Moraes (2005) afirma que:

Nem todos os exemplares de uma obra rara valem o mesmo preço. O valor de um livro antigo depende do estado em que se encontra, da encadernação que o veste ou de alguma particularidade que o exemplar apresenta.

Moraes (2005) ainda descreve o livro raro como algo que possui sua própria identidade. Ao ver um livro que fez parte de alguma coleção de uma personalidade importante, um bibliófilo fala, elogia ou aponta os defeitos desse objeto como se fosse alguém, e não algo.

Para um colecionador, o livro tem que ter um foco específico sendo raro ou não. Porém ao procurar ter uma coleção rara, um dos critérios da raridade dos livros muitas vezes é definida apenas por ele ter sido de posse de alguma autoridade ou pessoa renomada, possuindo seu *ex libris* ou algumas anotações, é que o livro se torna ainda mais raro.

O colecionador Ricardo Brennand possui diversas coleções especiais dentro da biblioteca do Instituto RB compradas para enriquecer ainda mais o acervo. São em torno de 31 coleções especiais, abrangem diversos assuntos, como arquitetura, história, literatura brasileira, gatos, entre outros.

Além de diversos temas das coleções, a maioria dos livros raros encontrados na biblioteca do Instituto RB são voltados para o período da ocupação holandesa, cerca de 51 livros são encontrados ao pesquisar no sistema pelo termo OBRAS RARAS - BRASIL HOLANDÊS no software Sophia.

4.1 O QUE SÃO OBRAS RARAS PARA O INSTITUTO RICARDO BRENNAND

De acordo com estatísticas da biblioteca, ela abriga atualmente cerca de 920 títulos de obras raras, e cerca de 1.500 exemplares, entre livros, folhetos, periódicos, álbuns e manuscritos. Destes, 101 exemplares versam sobre o Brasil holandês. A biblioteca do Instituto RB possui uma política de seleção quanto às compras e doações que recebe de documentos impressos e manuscritos e existem diversos critérios para discernir o que é livro raro ou simplesmente antigo.

Os critérios estabelecidos para seleção e composição do acervo de obras raras na biblioteca são as características das publicações, que independente de seu suporte, manuscritas ou impressas até o século XIX, bem como as datadas de 1901 em diante, que possuam as seguintes características: edições de forma artesanal; obras autografadas; com encadernações artísticas; edições de luxo; em grandes dimensões (álbuns); apresentação de *ex-libris*; edições limitadas e esgotadas e exemplares com anotações manuscritas de importância; incluindo dedicatórias.

Quanto às doações, referentes a coleções de grande quantidade, os bibliotecários vão até os locais das coleções com intuito de avaliá-las e saber se estão de acordo com os critérios da biblioteca. Da mesma forma ocorre se forem alguns livros, sendo que um dos bibliotecários pede para a pessoa levar até a biblioteca e então fazem as devidas análises com intuito de saber se condizem com os requisitos para entrar para o acervo.

Ao me encontrar com o consultor pessoal de Ricardo Brennand, Leonardo Dantas Silva me fez a seguinte pergunta “O que é livro raro?” Respondi que o livro para ser raro deveria ser datado do século XIX para trás e possuir os critérios de acordo com a política da biblioteca. Leonardo em seguida falou “Livro raro é aquele que é difícil de encontrar”.

Por se tratar de livros esgotados no mercado, concordo com a afirmação de Leonardo Dantas. Pois existe realmente essa dificuldade de encontrá-los, tendo em vista sua datação de publicação. Aqueles que possuem anotações específicas de pessoas importantes, o grau de dificuldade de achá-los os definem raros, porém não totalmente.

5 UM BRAZILIÊ A SER PRESERVADO

Segundo a direção da biblioteca do Instituto RB, a coleção de José Antônio Gonsalves de Mello (1916-2002) é a mais completa em relação a conteúdo sobre o período holandês no nordeste do Brasil, e foi adquirida por Ricardo Brennand com intuito de disponibilizá-la para pesquisadores e admiradores do mundo inteiro que visitam o Instituto.

De acordo com Vieira, Galvão e Silva (2012), José Antônio Gonsalves de Mello foi um historiador e pesquisador bastante influente para recuperação e estudo da história pernambucana. Ele pesquisou, consultou, estudou e comprou, no período aproximado de 60 anos, quase todos os documentos e livros que abordam a história de Pernambuco, com foco no período holandês, sendo que toda essa documentação foi procurada dentro e fora do país.

Brennand comprou a coleção especial de José Antônio no ano 2000 e os documentos bibliográficos encontram-se atualmente na biblioteca do Instituto RB, que possuem mais de 5.000 livros, folhetos e periódicos, dos quais 489 exemplares versam sobre o Brasil holandês. Todos eles são considerados raros por possuir anotações do próprio José Antônio, além de que muitas dessas publicações já não são encontradas para vendas ou até mesmo em outras bibliotecas. Do acervo de José Antônio, 507 exemplares foram realocados para a coleção de obras raras da biblioteca, das quais 60 exemplares tratam do Brasil holandês.

Na pinacoteca do Instituto RB juntamente com a coleção de pinturas de Frans Post estão expostas 18 obras raras entre manuscritos e impressos datadas do século XVI ao XVIII, sobre o Brasil holandês, das quais, seis são apresentadas desta pesquisa, sendo 4 da coleção de José Antônio, duas da coleção Ricardo Brennand e as demais se encontram referenciadas no Anexo I.

A primeira obra a ser apresentada é datada do século XVII, impressa em Madrid no ano de 1628, escrita basicamente em espanhol arcaico. A obra de Thomas Tamaio de Vargas retrata a restauração da cidade de Salvador, retomada pelos espanhóis em 1625. Talvez a única conhecida com dedicatória do autor. “Restauracion de la ciudad del Salvador, i Baia de Todos-Sanctos, en la Provincia del Brasil” possui o brasão da Espanha em sua página de rosto, sendo possível

encontrar a obra também no acervo da Biblioteca Nacional (BN). Se encontrava na coleção de José Antônio Gonçalves de Mello (coleção JGM) e atualmente pertence a coleção de obras raras da biblioteca.

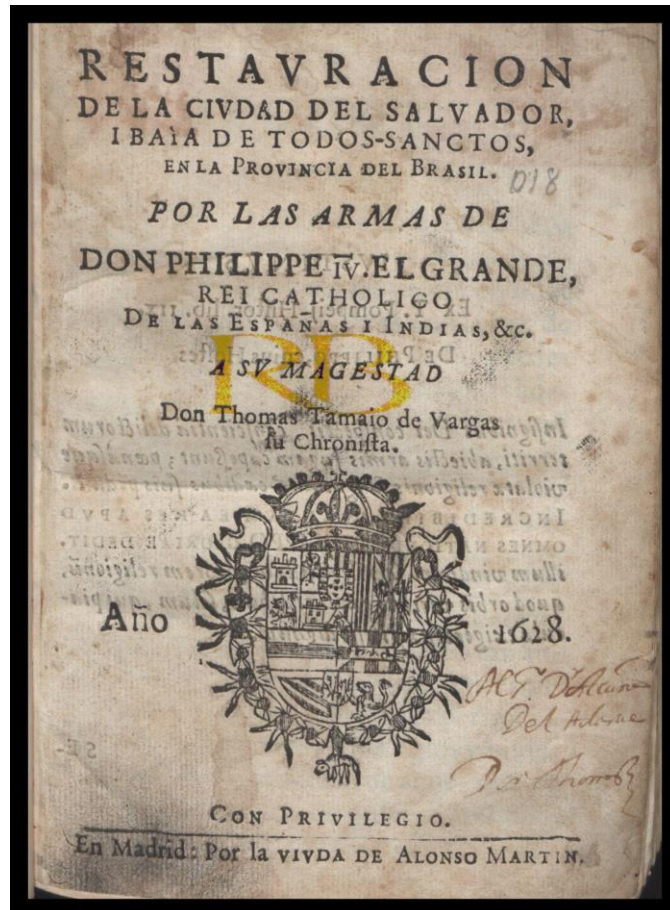


Figura 16: Folha de rosto do livro *Restauracion de la ciudad del Salvador, i Baia de Todos-Sanctos, en la Provincia del Brasil.*

Fonte: acervo da biblioteca do Instituto RB. (2016)

Joannes de Laet é autor da segunda obra a ser apresentada. Impressa no ano de 1641, *Portugallia sive de regis portugallia regnis et opibus* é a primeira edição que foi publicada separadamente, da série *Repúblicas Elsevier*, inclui informações sobre o Brasil, Índia, Ceilão, África e Macau. Possui o brasão de Portugal em sua folha de rosto, descreve os primeiros anos da presença holandesa no Brasil até 1629 e foi retirada da coleção JGM e realocada para coleção de obras raras da biblioteca.



Figura 17: Folha de rosto do livro *Portvgallia sive de regis portvgallie regnis et opibus*.

Fonte: acervo da biblioteca do Instituto RB. (2016)

A descrição que se encontra na vitrine em que a obra está em exposição afirma que o opúsculo de Franciscus Plante, intitulado de *Legatio pernambucensis* foi impresso no ano de 1642, é uma das mais raras referentes ao período holandês. A obra foi escrita pelo capelão de Maurício de Nassau, seu conteúdo refere-se às negociações iniciadas em 1641 entre Portugal e Holanda para um tratado de paz, sendo que a delegação portuguesa era chefiada por Jorge de Mascarenhas, Marquês de Montalvão e Vice-Rei do Brasil, enquanto Theod Codde van der Burgh chefiava a delegação holandesa. Existem vários tratados e panfletos sobre este assunto, que também pertenceram a coleção JGM, e hoje fazem parte do acervo de obras raras da biblioteca do Instituto RB.

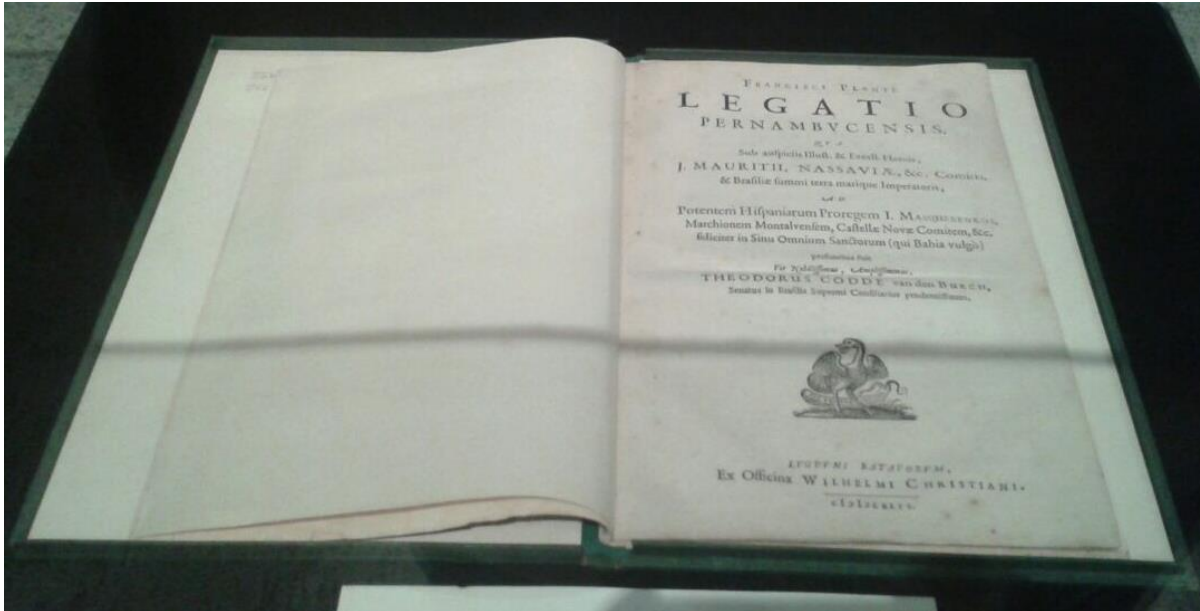


Figura 18: Folha de rosto do livro *Legatio pernambucensis*.

Fonte: Da autora

De acordo com o texto de Silva (20-?), *João Maurício de Nassau e os livros*, Gaspar Barlaeus publicou o livro em 1647 em Amsterdam com o título *Rerum Per Octenium in Brasilia Et alibi nuper gestarum*, ficou conhecido como um dos livros mais belos já produzidos sobre o Brasil, exemplar colorido da primeira edição, com o frontispício decorado e o retrato de João Maurício de Nassau. Os exemplares aquarelados a mão são muito mais raros que os em preto e branco e alguns foram presenteados por Nassau a príncipes europeus. O livro⁶ contém 56 mapas e gravuras, a maioria destes de autoria de Frans Post, permanece em exibição na pinacoteca do Instituto RB e foi comprado pelo colecionador Ricardo Brennand. Em 1980, trezentos anos depois da morte de Maurício de Nassau, para homenageá-lo, a prefeitura da cidade do Recife publicou uma nova edição da obra de Barlaeus.

⁶ De acordo com Raphael Greenhalgh, bibliotecário do setor de obras raras da Biblioteca dos Estudantes da Universidade de Brasília (BCE), um exemplar colorido da obra foi leilado pela Christie's em 1997 por US\$ 332.500,00.

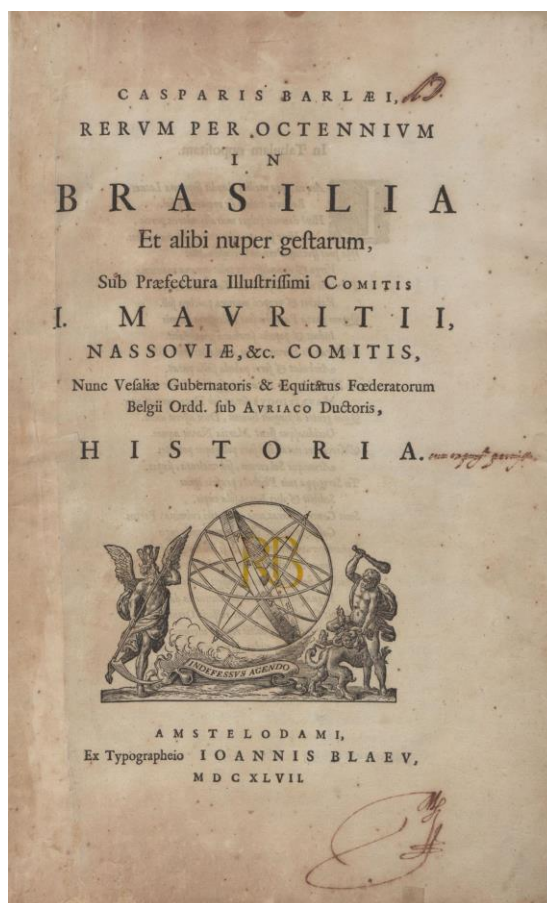


Figura 19: Folha de rosto do livro *Rerum Per Octennium in Brasilia Et alibi nuper gestarum*.

Fonte: acervo da biblioteca do Instituto RB. (2016)

A quinta obra, *Historiae Naturalis Brasiliae*, é um impresso de 1648, escrito por Willem Piso e Georg Marcgraf, relata em latim os primeiros estudos científicos realizados sobre a história natural, a geografia, a meteorologia e etnologia do Brasil, um modelo da história natural até o século XIX, até surgirem outros estudos. É dividido em duas partes. Na primeira, Piso retrata a medicina brasileira e na segunda é retratada a história natural do Brasil, um dos mais raros com colorido de época, possui 429 gravuras inseridas no texto, aquareladas por um colorista de talento, inclui também índice de plantas e animais. Comprada por Ricardo Brennand, pertence à coleção de obras raras da biblioteca, porém em exposição na pinacoteca.

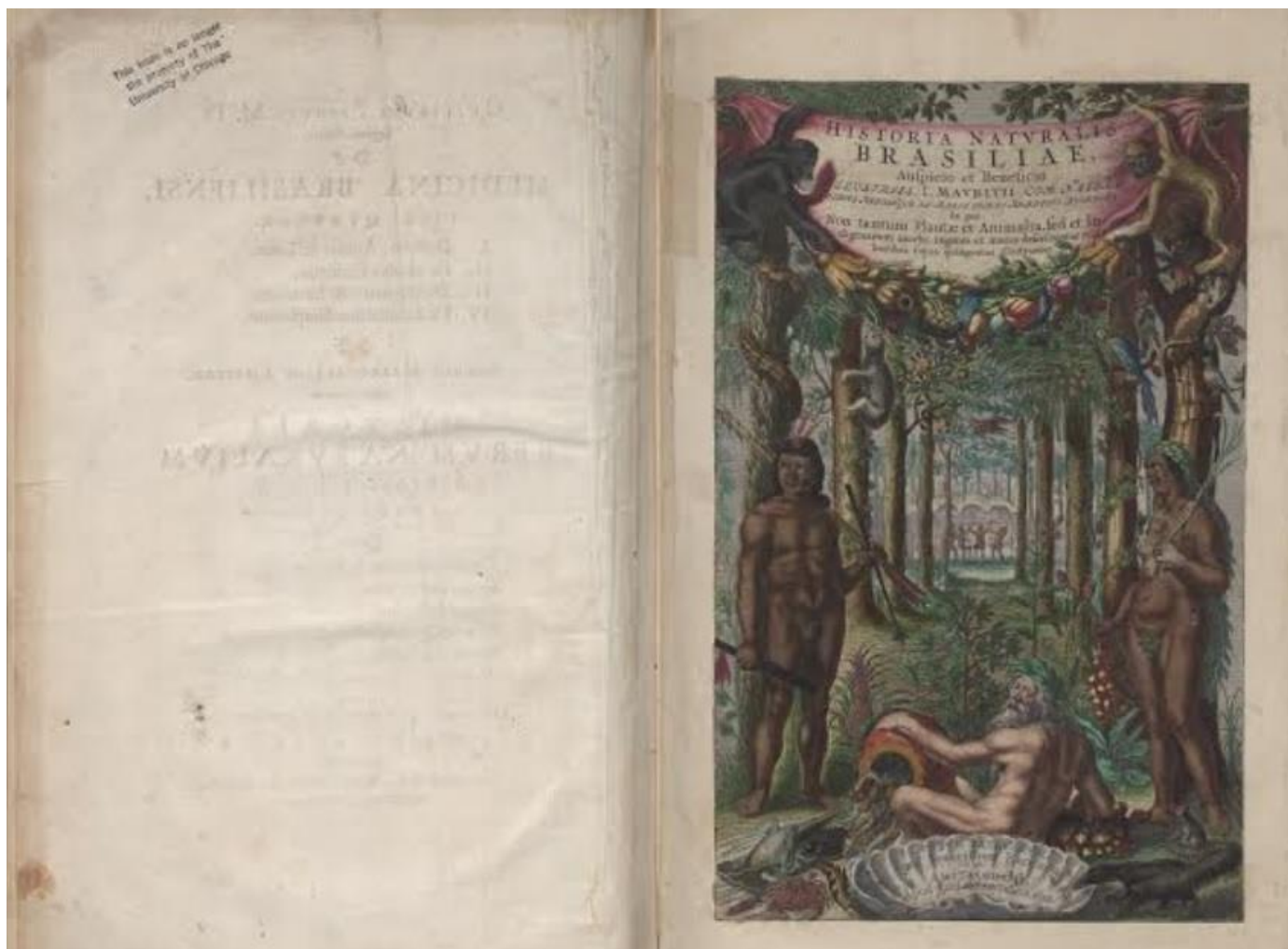


Figura 20: Folha de rosto do livro *Historiae Naturalis Brasiliae*.

Fonte: acervo da biblioteca do Instituto RB. (2016)

A última obra a ser abordada é um impresso de 1679, trazido ao Instituto junto com a coleção JGM e incorporada a coleção de obras raras. Frei Raphael de Jesus é o autor da obra *Castrioto lusitano*, nome que remete ao militar João Fernandes Vieira, o qual liderou a guerra que expulsou os holandeses dos domínios nordestinos. Publicado em Lisboa, o livro retrata sua biografia, inclusive os atos do militar na recuperação de Pernambuco. Frei Raphael de Jesus toma por base o livro de Frei Manuel Calado, o *Valeroso Lucideno*, para relatar as lutas entre portugueses e holandeses no Nordeste do Brasil, nos anos de 1624-1654. O título adicional de acordo com a BN é: *Historia da guerra entre o Brasil e a Hollanda, durante os annos de 1624 a 1654*.

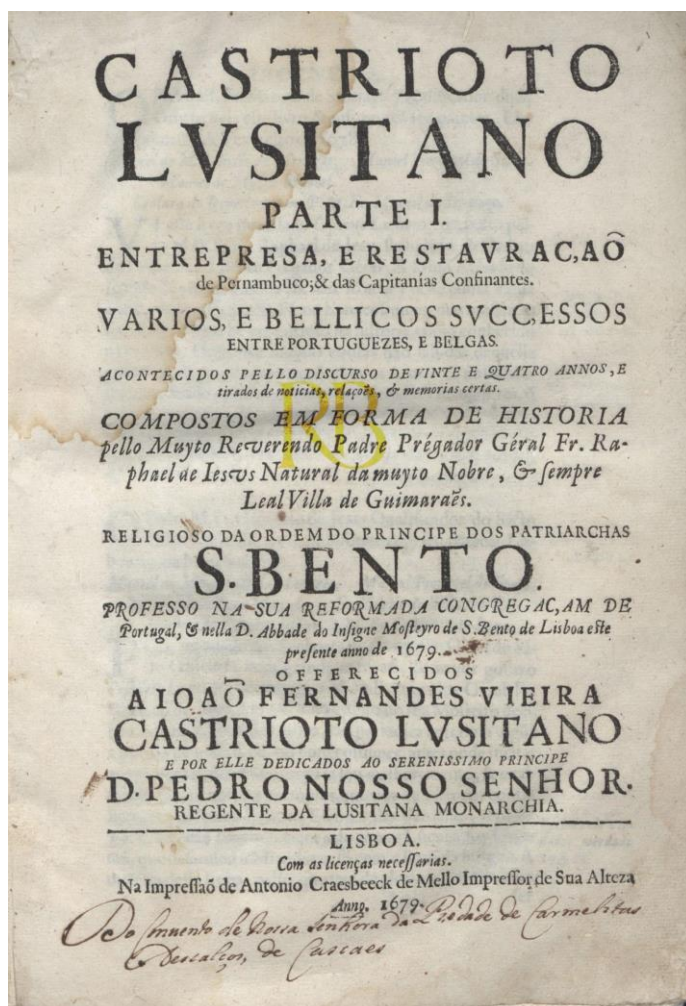


Figura 21: Folha de rosto do livro *Castrioto lusitano*.

Fonte: acervo da biblioteca do Instituto RB. (2016).

O bibliotecário é um dos profissionais mais antigos da humanidade, responsável pelo armazenamento dos registros da informação e da história. Portanto, guardião do conhecimento. Almeida Júnior (1997) defende que o objetivo principal de um bibliotecário é a informação, e apesar do bibliotecário trabalhar com diversos suportes, afirma que o livro é o principal veículo transmissor da cultura.

Preservar os livros para gerações posteriores foi umas das grandes tarefas exercidas com êxito, na maioria dos casos, pois atualmente é possível encontrar materiais antigos e raros por vários fatores, pela qualidade do papel, a sua fabricação e seu armazenamento adequado.

Além da função principal do bibliotecário que é a disseminação da informação, existe a necessidade da preservação, pois não haveria uma consulta

bem sucedida a um material se ele não estivesse em condições de leitura, sem sua devida conservação.

Para Ortega y Gasset (2006) a função do bibliotecário mudou de acordo com a importância do livro para a sociedade. Somente no Renascimento o bibliotecário começou a ter outros olhares, valorizando-o como guardião dos livros, época em que o livro é sentido pela sociedade como uma necessidade, além dos livros religiosos e de leis.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O colecionismo foi um dos objetos analisados e estudados desse trabalho, no capítulo “Ricardo Brennand: um colecionador” foi possível conhecer um pouco sobre quem ele é, como toda sua história da infância influenciou no seu sonho de colecionar e o propósito de criar o Instituto, que com a finalidade de disseminar cultura e informação para os pernambucanos e armazenar toda sua coleção, foi possível a construção do complexo de castelos. Nesse capítulo houve também a apresentação do Instituto com ilustrações. Há bastante informação sobre o colecionador e existem diversas entrevistas e matérias sobre o Instituto.

Para poder entender mais sobre a coleção de obras raras abordada no trabalho, houve a necessidade de pesquisar sobre o período histórico no qual Pernambuco se encontrava quando os holandeses invadiram o Brasil, portanto foi feita uma análise e formulação de um quadro para introduzir de forma breve o que ocorreu naquele período.

A identidade de Pernambuco abordada e representada na presente pesquisa reforçou o entendimento quanto a importância da cultura deixada pelos holandeses na influência da sociedade pernambucana até os dias atuais como aspecto enraizado no desenvolvimento cultural desses brasileiros.

Para poder apresentar uma coleção de obras raras, é necessário entender o que são esses livros. Sendo assim, fez-se uma revisão de literatura com intuito de mostrar conceitos e definições de livros raros, houve certa dificuldade de encontrar conceitos diferentes, todos são bastante parecidos, porém são todos sucintos e objetivos. Foi possível entender também o que são obras raras para o Instituto, de acordo com as políticas da biblioteca.

O auxílio dos bibliotecários na análise das obras e na busca de informações sobre as características de cada material bibliográfico, por meio da visita guiada ao Instituto, foi aspecto de grande relevância para a compreensão da necessidade de preservação da memória cultural pernambucana e holandesa a partir do valor histórico imensurável que os livros raros possuem para o estado e a nação brasileira como um todo, por se tratar de livros escritos sobre ou durante a ocupação holandesa no país.

Para os pernambucanos que buscam informações sobre a história de seu estado, é deveras importante o armazenamento e a disseminação dos materiais bibliográficos presentes no Instituto por se tratar de uma parte de nossa história pouco conhecida pela sociedade.

Houve certa dificuldade em encontrar informações sobre as obras raras, por isso as explicações são sucintas. Sobre o período histórico, a diversidade de autores que escreveram sobre essa época não é muito vasta, porém satisfizeram a necessidade da pesquisa. É importante que seja especificado que esse estudo aborda de forma ampla a identidade pernambucana, e que pode servir como ponto inicial para futuros trabalhos mais aprofundados.

REFERÊNCIAS

[LAET, Joannes de]. **Portugallia sive de regis portugallia regnis et opibus.** [S. l.]: Officina Elzeviriana, 1641.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e biblioteconomia.** São Paulo: Polis, 1997. 129 p.

BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1989, p. 103.

BARLÉU, Gaspar. **O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau:** história dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do Ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc., ora Governador de Wesel, Tenente-General de cavalaria das Províncias-Unidas sob o Príncipe de Orange. Brasília: Senado Federal, 2005. 432 p. Acesso em: 17 fev. 2016.

BARLEUS, Gaspar. **Rerum per octennium in Brasilia et albi gestarum sub praefectura Illustrissimi comitis I Mauritii Nassoviae & C. comitis...**Amsterdam: Ioannis Blaeu, 1647. il., color. Mapas e plantas, 65,5 x 27,2 cm.

BEHRENS, Ricardo. **Salvador e a invasão holandesa de 1624-1625.** Salvador: Editora Ponto Com, 2013. Disponível em: <<http://www.editorapontocom.com.br/livro/16/16-ricardo-behrens-salvador.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2016.

BEZERRA, Eudes. **A primeira moeda brasileira: o Ducado do Brasil.** São Paulo: Museu de Imagens, 2013. Disponível em: <<http://www.museudeimagens.com.br/primeira-moeda-ducado-do-brasil/>> Acesso em: 15 mar. 2016.

CALSAVARA, Katia. **Ricardo Brennand: o senhor das armas:** Dono de um castelo com mais de 3 mil armas, o empresário pernambucano conta como recolheu suas peças raras, entre elas 27 conjuntos de armaduras. 2006. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/ricardo-brennand-senhor-armas-435021.shtml>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

CAVALCANTI, Carlos André; CUNHA, Francisco Carneiro da. **Pernambuco Afortunado:** da Nova Lusitânia à Nova Economia. Recife: INTG, 2006. 156 p. Disponível em: <<http://www.intg.org.br/teste/afortunado/olivro/index.asp>>. Acesso em: 26 maio 2016.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Instituto Ricardo Brennand é eleito o melhor museu da América do Sul.** 2015. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/09/30/internas_viver,600950/instituto-ricardo-brennand-e-eleito-o-melhor-museu-da-america-do-sul.shtml>. Acesso em: 05 mar. 2016.

ECO, Umberto. **A memória vegetal:** e outros escritos sobre bibliofilia. Rio de Janeiro: Record, 2010. 271 p.

ENCICLIPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Frans Post.** São Paulo: Enciclopédia Itaú Cultural, 2010. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9982/frans-post>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Catálogo de Obras Raras.** 2000. Disponível em: <http://catcrd.bn.br/scripts/odwp012k.dll?INDEXLIST=obrasraras_pr:obrasraras>. Acesso em: 09 jun. 2016.

G1PE. **G1 lista dez atrações imperdíveis do Instituto Ricardo Brennand, no Recife.** Globo nordeste, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/09/g1-lista-dez-atracoes-imperdiveis-do-instituto-ricardo-brennand-no-recife.html>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

GALLAS, Alfredo O. G.; GALLAS, Fernanda Disperati. **O Brasil holandês:** a família Nassau: Moedas e medalhas. São Paulo: Editora do Autor, 2009. 276 p.

GESTEIRA, Heloisa Meireles. **O Recife holandês:** história natural e colonização neerlandesa (1624-1654). Revista da Sbhc, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.6-21, jun. 2004. Disponível em: <http://www.mast.br/arquivos_sbhc/48.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2016.

GUIA GEOGRÁFICO - MAPAS HISTÓRICOS DA BAHIA. **Planta da Restituição da Bahia.** Salvador: Cidade do Salvador, Disponível em: <<http://www.cidade-salvador.com/seculo17/invasao-holandesa/planta-albernaz.htm>> Acesso em: 17 mar. 2016.

IMBROISI, Margaret. **Frans Post:** o 1º pintor do brasil. 2016. Disponível em: <<http://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/frans-post-o-1o-pintor-do-brasil/>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

INSTITUTO RICARDO BRENNAND. **Biblioteca**. Recife: Instituto RB, c2010. Disponível em: <<http://www.institutoricardobrennand.org.br/biblioteca.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

_____. **Castelo São João**. Recife: Instituto RB, c2010b. Disponível em: <http://www.institutoricardobrennand.org.br/castelo/index_cst.htm>. Acesso em: 15 mar. 2016.

_____. **Castelo São João**. Recife: Instituto RB, c2010c. Disponível em: <http://www.institutoricardobrennand.org.br/castelo/index_cst.htm>. Acesso em: 15 mar. 2016.

_____. **Castelo São João**. Recife: Instituto RB, c2010d. Disponível em: <http://www.institutoricardobrennand.org.br/castelo/index_cst.htm>. Acesso em: 15 mar. 2016.

_____. **Castelo São João**. Recife: Instituto RB, c2010e. Disponível em: <http://www.institutoricardobrennand.org.br/castelo/index_cst.htm>. Acesso em: 15 mar. 2016.

_____. **Castelo São João**. Recife: Instituto RB, c2010f. Disponível em: <http://www.institutoricardobrennand.org.br/castelo/index_cst.htm>. Acesso em: 15 mar. 2016.

_____. **O Instituto**. Recife: Instituto RB, c2010a. Disponível em: <<http://www.institutoricardobrennand.org.br/index2.html>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

_____. **Pinacoteca**. Recife: Instituto RB, c2010h. Disponível em: <<http://www.institutoricardobrennand.org.br/pinacoteca.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

JESUS, Frei Raphael de. **Catrioto lusitano**: Parte I: entrepesa, restauração de Pernambuco & das Companias Confinantes. Lisboa: Imprenssão de Antonio Craesbeek de Mello, 1679.

MATOS, Alderi Souza de. **Breve história do protestantismo no Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/6994.html>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Imagens do Brasil holandês**: 1630-1654. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ars/v7n13/arsv7n13a11.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. **Tempo dos flamengos**: a influência da ocupação holandesa na vida e cultura do norte do Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro: top books, 2001.

MENEZES, José Luiz Mota; LEÃO, Reinaldo Carneiro. **Campo das Princesas**: o Palácio do Governo de Pernambuco. 3. ed. Pernambuco: Gráfica Santa Marta, 2008. 189 p.

Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. 2016. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

MOLINA, Matías M. **História dos jornais no Brasil**: da era colonial à Regência (1500-1840). São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 37 p.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 4. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. 207 p.

OLIVEIRA, Andréia Machado, SIEGMANN, Christiane e COELHO, Débora. **As coleções como duração**: o colecionador coleciona o quê? Porto Alegre, v. 20, 2005.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. 82 p.

PINHAL, Paulo. **O que é tudor ?**. 2009. Disponível em: <<http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/2009/02/o-que-e-tudor/>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

PINHEIRO, Ana Virgínia. **Que é livro raro?**: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

PLANTE, Franciscus. **Legatio pernambucensis**. [S. l.]: Officina Wilhelmi Christiani, 1642. n.p.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992. Disponível em: <[http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos PS Mest 2014/Andre Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf](http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2016.

PONTUAL, Virgínia. **Tempos do Recife**: representações culturais e configurações urbanas. Revista Brasileira de História, São Paulo: Vol. 21, nº 42, 2001.

QUEIROZ, Leandro. **Capitanias**. São Paulo: Santa Rosa de Viterbo, 2013.
Disponível em:
<<https://santarosadeviterbo.wordpress.com/2013/03/17/capitanias/>> Acesso em:
16 jan. 2016.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. **Como definir e identificar obras raras?**: critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n1/v35n1a12.pdf>>.
Acesso em: 9 fev. 2016.

RUBEM, Jackson. **A invasão Holandesa deixou marcas fortes na sociedade brasileira**. 2008. Disponível em: <<http://www.obrasileirinho.com.br/a-invasao-holandesa-deixou-marcas-fortes-na-sociedade-brasileira/>>. Acesso em: 23 maio 2016.

SANT'ANA, Rizio Bruno. **Crítérios para a definição de obras raras**. Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins, Campinas, v. 2, n. 3, p.1-18, jun. 2001.
Disponível em:
<<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/index.php/etd/article/viewFile/1886/1727>>. Acesso em: 03 nov. 2015.

SANTOS, Thiago Cavalcante dos. **Os holandeses e o nordeste brasileiro: 1630-1654**. 2008. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CDXIX/PDF/Paineis/ThiagoCavalcantedosSantos.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

SILVA, Leonardo Dantas. **Para entender o Brasil holandês**. Revista Continente Documento. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, Ano I, N. 1, 2002.

SILVA, Leonardo Dantas. **Maurício de Nassau e os livros**. Acesso em: 3 Nov. 2015.

TAMAIIO DE VARGAS, Thomas. **Restauracion de la ciudad del Salvador i Baia de Todos Sanctos, en la Provincia del Brasil**. Madrid: [s.n.], 1628. n.p.

VAINSENER, Semira Adler. *Instituto Ricardo Brennand*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. 2008. Disponível em:
<<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 23 fev. 2015

WESTSTEIJN, Arthur. **João Maurício de Nassau-Siegen: (1604-1679)**. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/ciadasindias/wp-content/uploads/2015/08/JMNS_AW.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2016.

ANEXO I - REFERÊNCIAS DA COLEÇÃO DE OBRAS RARAS EM EXPOSIÇÃO NA PINACOTECA DO INSTITUTO RB.

[LAET, Joannes de]. **Portugallia sive de regis portugallia regnis et opibus.** [S. l.]: Officina Elzeviriana, 1641. n.p.

AA, Pieter van der. **La galerie agreable du monde.** Leiden [Holanda]: Marchand, [1729]. v.3, il., Mapas e gravuras.

BARLEUS, Gaspar. **Rerum per octennium in Brasilia et albi gestarum sub praefectura Illustrissimi comitis I Mauritii Nassoviae & C. comitis...**Amsterdam: Ioannis Blaeu, 1647. il., color. Mapas e plantas, 65,5 x 27,2 cm.

COMMELYN, Izaak. **Histoire de la vie & actes memorables de Frederic Henry de Nassau, Prince d'Orange.** Amsterdam: Chez la Vefve & Les Hertiers de Judocus Ianffonius, 1656. n.p.

D. JOAO IV, Rei de Portugal. **[Carta manuscrita autógrafa, 20 de janeiro de 1647].** Lisboa: [s.n.], 1647. n.p.

EXTRACT uyt d'articulen van het Tractaet van Bastant ende ophoudinge van alle Acten van Vyandtschap als oock van Traffijcq ende Commerce... 'S-Gravenhage: Weduwe: Erfgenamen van Wylen, 1641. n.p.

ISABEL DA ÁUSTRIA, Arquiduquesa dos Países Baixos, 1566-1633. **[Carta manuscrita autógrafa, 20 de junho de 1628].** Bruxelas: [s.n.], 1628. n.p.

JESUS, Frei Raphael de. **Catrioto lusitano:** Parte I: entepesa, restauração de Pernambuco & das Companias Confinantes. Lisboa: Imprensão de Antonio Craesbeek de Mello, 1679.

LAET, Joannes de. **Befchrijvinghe van West-Indien [Falso título: Nieuwe Wereldt ofte Befchrijvinghe van West-Indien].** Leyden [Holanda]: Elzeviers, 1630. n.p., 32 cm.

MANIFIESTO de los portugueses de Phernambuco para iustificar el haver tomado las armas contra los olandeses de la Compania de la India Oriental. [S.l.: s.n.], 1646. 9 f., frente e verso.

NASSAU-SIEGEN, Johan Mauritz von. **[Manuscrito autógrafa].** [S.l.]: [s.n.], 1676. 1 f.

NIEUHOF, Johan. **Gedenkwaardige Brasillaense zee en lantreize**. Amsterdam: Jacob van Meurs, 1682. 308 p.

P.L.J. **APOLOGIE pour la Maison de Nassau OU Refutation des Calomnies**. Madrid: [s.n.], 1664. n.p.

PISONIS, Guilielmi; MARCGRAVE, Georg. **Historiae Naturalis Brasiliae**. Amstelodami: Elzevirium, 1648. 293 p., il.

PLANTE, Franciscus. **Legatio pernambucensis**. [S. l.]: Officina Wilhelmi Christiani, 1642. n.p.

RICHSHOFFER, Ambrósio. **Brassilianisch- und West Indianische Reisse Beschreibung**. Strassburg [Áustria]: Bey J. Stèadeln, 1677. 182 p., il., 17 cm.

TAMAIIO DE VARGAS, Thomas. **Restauracion de la ciudad del Salvador i Baia de Todos Sanctos, en la Provincia del Brasil**. Madrid: [s.n.], 1628. n.p.

WITT, Johan de. **[Carta manuscrita autógrafa, 28 de outubro de 1657]**. [S. l.]: [s.n.], 1657. n.p.